

RIBEIRÃO PRETO'S BEER HISTORY: FROM THE CAPITAL OF THE DRAFT BEER TO THE CRAFT BEER POLO

HISTÓRIA DA CERVEJA DE RIBEIRÃO PRETO: DA CAPITAL DO CHOPE À POLO DE CERVEJA ARTESANAL

Thales Argman Ferreira ¹; Reinaldo Tronto ²; Marcos Eduardo Paron ³; Jean Carlos Rodrigues da Silva⁴

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – Sertãozinho/SP – Brasil – thales.argman@gmail.com

²Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – Sertãozinho/SP – Brasil – reinaldo.tronto@ifsp.edu.br

³Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – Sertãozinho/SP – Brasil – paron@ifsp.edu.br

⁴Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP – Sertãozinho/SP – Brasil – jeanrodrigues@ifsp.edu.br

Resumo

A cidade de Ribeirão Preto, conhecida como “capital do chope”, deve parte do seu desenvolvimento econômico e cultural à produção e ao consumo de cerveja. Essa história teve as suas origens no final do século XIX, passou por diversos períodos, e, atualmente, a cidade é reconhecida, nacionalmente, pela produção de cervejas artesanais. O presente trabalho teve como objetivo principal resgatar a história da cerveja na cidade e mostrar a sua relação com a economia e cultura regional através de uma ampla pesquisa bibliográfica. Além disso, mostrar o cenário atual de reconhecimento de um arranjo produtivo local e o desenvolvimento de projetos envolvendo empresas, academia e o poder público. Nesse sentido, o artigo foi dividido em seções que retratam: o início da tradição cervejeira de Ribeirão Preto; a indústria cervejeira e as contribuições para o desenvolvimento urbano; a notoriedade de Ribeirão Preto como “terra do chope”; o desenvolvimento e a queda da grande indústria cervejeira; superação da crise e constituição do Polo Cervejeiro. Como considerações finais, baseado nos fatos relatados, esse trabalho aponta, que a região apresenta características que aliam a tradição e a vanguarda desse importante segmento econômico e cultural do Brasil.

Palavras-chave: Arranjo produtivo local; Cerveja; Indicação geográfica; Ribeirão Preto.

Abstract

The city of Ribeirão Preto, known as the “capital of draft beer”, owes part of its economic and cultural development to the production and consumption of beer. This history had its origins in the late 19th century, it went through several periods, and currently the city is nationally recognized for the production of craft beers. The present work had as its main objective to rescue the history of beer in the city and to show its relationship with the regional economy and culture through an extensive bibliographic research. In addition, to show the current scenario of recognition of a brewery cluster and the development of projects involving companies, academia and the government. In this sense,

the article was divided into sections that describe: the beginning of the brewing tradition of Ribeirão Preto; the brewing industry and contributions to urban development; the notoriety of Ribeirão Preto as the “land of beer”; the development and fall of the great brewing industry; overcoming the crisis and establishing the Polo Cervejeiro. As final considerations, based on the facts reported, this work points out that the region has characteristics that combine the tradition and the vanguard of this important economic and cultural segment of Brazil.

Keywords: Cluster; Beer; Geographical indication; Ribeirão Preto.

1. Introdução

O Município de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, é conhecido como “capital do chope”, e teve parte do seu desenvolvimento econômico e de sua influência cultural ligados à produção e ao consumo de cerveja. Ao longo da sua história, a cidade tem sido reconhecida nacionalmente pela produção de cervejas e por sua tradição neste setor da indústria, das primeiras experiências locais de produção de cerveja no final do século XIX, passando pelas grandes cervejarias da primeira metade do século XX e chegando às cervejarias artesanais na atualidade.

A indústria de cerveja em Ribeirão Preto passou por diversos estágios e períodos de crescimento e crise, chegando na atualidade em uma fase de importantes conquistas para o setor: fortalecimento de um polo cervejeiro de pequenas e microcervejarias artesanais; reconhecimento de um Arranjo Produtivo Local pelo Governo do Estado; discussões sobre a obtenção do selo de Indicação Geográfica (IG) ou de Marca Coletiva (MC); criação de um Curso Técnico em Cervejaria, gratuito, no campus Sertãozinho do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) – o único no estado de SP –, entre outras importantes ações que colocam em evidência a importância de pesquisas sobre o setor da indústria de cerveja no município e na região.

O objetivo principal desta pesquisa foi sistematizar a história da indústria da cerveja de Ribeirão Preto de seus primórdios à atualidade. A partir das contribuições da bibliografia consultada, foi possível a produção deste artigo de caráter histórico e numa perspectiva de contribuir para a compreensão do estado atual da indústria cervejeira do Município.

A metodologia desenvolvida nesta pesquisa de natureza bibliográfica consistiu em um extenso levantamento bibliográfico realizado pelo aluno durante seu Curso Técnico e por professores do IFSP campus Sertãozinho. Para Gil (2002, p. 45), “a pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos”. Segundo esse autor, este tipo de pesquisa “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (p. 44), e sua principal vantagem “reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (p. 45).

No caso de nossa pesquisa, encontramos uma pequena ocorrência de estudos sobre a indústria da cerveja de Ribeirão Preto. Portanto, para o desenvolvimento do trabalho, foi realizado um amplo levantamento bibliográfico em livros, trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses, artigos em revistas científicas, artigos em jornais e revistas, páginas eletrônicas e documentos que tratam da história de Ribeirão Preto e que, indiretamente ou parcialmente em seu conteúdo e/ou em suas partes, tratam da questão da indústria da cerveja na Região Metropolitana de Ribeirão Preto, em especial no Município homônimo e que é seu centro regional.

Nosso interesse com este artigo é contribuir para a valorização e a divulgação da memória cervejeira de Ribeirão Preto e região, através do desafio de contar um pouco de sua história e dos acontecimentos mais recentes que apontam para uma nova fase e/ou período deste importante setor da indústria, economia e cultura do Município.

2. Início da tradição cervejeira de Ribeirão Preto

Os primeiros relatos de produção de cerveja em Ribeirão Preto datam de 1878, desenvolvida pelos médicos Joaquim Estanislau da Silva Gusmão e Luiz Pereira Barreto. Entretanto, essa cerveja era produzida apenas para meios medicinais e era pouco palatável (GIORGI, 2017).

Provavelmente, o início do hábito dos ribeirão-pretanos de fabricar e consumir cerveja vem da influência de muitos italianos, que fabricavam cerveja para consumo próprio de maneira artesanal em suas casas desde a década de 1880 (ARAUJO, 2017, p. 106). A cerveja era uma bebida mais acessível e adequada ao clima tropical de Ribeirão Preto, o que contrapunha os hábitos da elite cafeeira que frequentava ambientes de influência da cultura e arquitetura europeia, como cabarés, cassinos e teatros e consumiam com frequência espumantes importados da Europa (GIORGI, 2017, p. 40).

O surgimento da indústria em Ribeirão Preto esteve ligado ao desenvolvimento do Núcleo Colonial Antônio Prado, que foi criado em 1887 e permitia que os trabalhadores das fazendas de café que poupassem parte dos seus pagamentos adquirissem terras neste núcleo (ARAUJO, 2017, p. 103). Inicialmente, a economia do Núcleo Colonial era voltada para abastecimento de produtos hortifrutigranjeiros e mão-de-obra para a produção de café, mas aos poucos, surgiram fábricas pequenas e familiares, com poucos maquinários, que se tornaram viáveis devido ao baixo custo de implantação. No caso da indústria cervejeira, a viabilização se deu pela consolidação de um mercado consumidor dentro do próprio Núcleo e pela proximidade ao mercado central da cidade. A estrada de ferro facilitava o escoamento dos produtos produzidos na região, como café, hortifrutigranjeiros e manufaturados (ARAUJO, 2017).

Segundo Cione (1992 apud GIORGI, 2017, p. 40),

a primeira cervejaria da cidade foi a Rapaziada, localizada na Rua General Osório, nos fundos da residência do proprietário italiano Caetano Barillari. A cerveja era consumida no próprio balcão, ao custo de 200 réis a garrafa. Produzindo em escala diminuta, a Rapaziada servia como ponto de encontro para parte da comunidade italiana residente na cidade: 'Os frequentadores eram todos italianos, que no local se reuniam diariamente e de preferência aos domingos e dias santos numa fraternal solidariedade, bebiam e divertiam alegres ao lado de seus compatriotas'. (PRATES, 1975, p. 63 apud GIORGI, 2017, p. 40).

A Figura 1 demonstra a fachada da cervejaria Rapaziada, localizada no centro da cidade. Há relatos de que a segunda cervejaria ribeirão-pretana seguiu o mesmo perfil da Rapaziada e surgiu poucos anos depois no centro da cidade. A cervejaria obteve sucesso, mas o dono, também italiano, optou por mudar-se para São Paulo e investir em outro ramo comercial. (GIORGI, 2017).

Figura 1 – Cervejaria Rapaziada



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

A terceira cervejaria da cidade foi criada pelos italianos Quarto Bertoldi e Salvatore Livi, localizada na Rua Capitão Salomão, no antigo bairro do Barracão, onde atualmente é o bairro do Ipiranga (Figura 2). Há divergências na literatura quanto aos registros da data de abertura, variando entre 1892 e 1900 (1892..., 2001; ARAUJO, 2017; GIORGI, 2017). Entretanto, é consenso que Livi e Bertoldi inovaram no modo de produção de cerveja pela utilização de equipamentos mais avançados e organização e sistematização que empregavam na fábrica, além de terem iniciado a fama da boa cerveja de Ribeirão Preto (GIORGI, 2017). A Figura 2 apresenta a fachada da cervejaria Livi & Bertoldi no início do século XX.

Figura 2 – Fachada da cervejaria Livi & Bertoldi no início do século XX



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto

A qualidade das cervejas produzidas por Bertoldi consolidaram um mercado consumidor tanto no município quanto nas cidades vizinhas e garantiu um destaque nacional pelas premiações que recebeu (ARAUJO, 2017). No dia 15 de novembro de 1901, a cervejaria Livi & Bertoldi obteve sua primeira premiação ao participar da Primeira Exposição Agrícola, Industrial e Artística do Terceiro Distrito Agrônômico do Estado de São Paulo, na qual a Cerveja Mulata foi gratificada com medalha e diploma (ARAUJO, 2017). Poucos anos depois, em 1908, obteve renome nacional ao receber premiações na Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário de Abertura dos Portos Brasileiros ao Comércio Internacional, no Rio de Janeiro. (ARAUJO, 2017).

Apesar da organização industrial, prestígio de seu rótulo Mulata e bons rendimentos, a cervejaria Livi & Bertoldi não deixou de ser uma cervejaria de pequeno porte. Em 1928, a cervejaria dispunha de 12 funcionários e desfrutava de um capital de 60:000\$000 (sessenta contos de réis). [...] Apesar de toda a influência para a formação da tradição cervejeira de Ribeirão Preto, o último registro encontrado da cervejaria Livi & Bertoldi é do ano de 1930. (ARAUJO, 2017, p. 119 - 120).

Motivada pela fama que a Cervejaria Livi e Bertoldi já apresentava nessa época e interessada em expandir seu comércio para o nordeste paulista e Minas Gerais, a Indústria Brasileira de Bebidas e Conexos (IBBC), sediada em São Paulo instalou, em 1911, uma filial em Ribeirão Preto, às margens do córrego que dá nome à cidade na Avenida Jerônimo Gonçalves: a Companhia Cervejaria Antartica Paulista (ARAUJO, 2017).

[...] A Antartica chega a Ribeirão Preto já muito forte e estruturada, obtendo o monopólio da produção dentro do estado, e gozando de um elevado capital. Dessa maneira, ela tinha

todas as condições necessárias para promover um grande impacto econômico e sociocultural dentro do município em questão, o que de fato ocorreu (GIORGI, 2017).

Em 1913, um grupo de importantes empresários e políticos ribeirão-pretanos, interessados em competir pelo mercado do município e a fim de reinvestir os lucros localmente, fundou a primeira fábrica da Companhia Cervejaria Paulista na Rua Visconde do Rio Branco. No ano seguinte, em 18 de abril, foi inaugurada a segunda fábrica na Avenida Jerônimo Gonçalves, no lado oposto ao da Companhia Cervejaria Antártica (GIORGI, 2017). “A nova cervejaria surgiu a partir de investimentos de importantes personalidades ribeirão-pretanas, como João Alves Meira Júnior, um dos mais influentes políticos do período.” (GIORGI, 2017, p. 47).

Segundo Abreu (2018, p. 13), existia uma lenda sobre a abertura da Cervejaria Paulista:

[...] Reza a lenda que o Dr. Meira Júnior, jurista e advogado bem-sucedido, teve a ideia de criar uma cervejaria de grande porte. Curiosamente, no exato momento em que corria a festança de inauguração da Antártica, no distante ano de 1911. Entre uma caneca e outra, dizem as boas línguas, ele acercou-se da janela superior da fábrica e vislumbrou uma grande área ainda vazia, quase defronte, na Avenida Jerônimo Gonçalves. Não teria tido uma pretensão desmedida, a de vir a concorrer com uma empresa já consolidada na capital? [...].

3. Indústria cervejeira e contribuições para o desenvolvimento urbano

Ambas as cervejarias, Antártica e Paulista, foram importantes para o desenvolvimento econômico e urbano de Ribeirão Preto por meio da geração de empregos (em sua maioria ocupados por imigrantes), especialização de mão-de-obra e participação em obras públicas como o melhoramento do abastecimento de água e energia nos bairros Vila Tibério e Centro (REGISTRO, 2000). Segundo a historiadora Cristiane de Moraes Veiga (2005 apud ARAUJO, 2017), as fábricas de cerveja de grande porte - Antártica e Paulista - foram responsáveis pelo reconhecimento de Ribeirão Preto como Polo Cervejeiro, ou simplesmente “capital do chope”.

A concorrência entre a Cervejaria Antártica e a Cervejaria Paulista durou muitas décadas. Na primeira delas houve disputas políticas sobre a utilização das águas do córrego Ribeirão Preto. A utilização das águas do córrego Ribeirão Preto seria um privilégio exclusivo da Antártica pelos 20 anos seguintes à sua instalação (ocorrida em 1911), entretanto, a Cia. Paulista foi autorizada a fazer seu uso pela Comissão de Justiça e Obras do Município em abril de 1914 e permitiu que o encanamento atravessasse a avenida (ABREU, 2018, p. 14).

Segundo o historiador Ruben Cione, em seu livro História de Ribeirão Preto, no ano de 1915, na briga pelo mercado, houve um período que ficou conhecido como a ‘Guerra da Cerveja’ (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000, p. 153). Cada cervejaria utilizava de estratégias para dominar o mercado consumidor:

A Antártica impôs a exigência de exclusividade para a venda de seus produtos nos diversos estabelecimentos, cassinos, bares e casas noturnas, o que, no entanto, não produziu os efeitos esperados. Porém, a mudança de estratégia ao gratificá-los, sim. O fornecimento de geladeiras, bônus na forma de produtos e até investimentos em reformas e melhorias, fizeram com que a empresa arrebatasse fatias cada vez maiores de clientes da concorrente. Além disso, a Companhia promoveu o investimento na especialização de seus funcionários, muitos deles levados a estágios profissionais no exterior, notadamente na Alemanha (ABREU, 2018, p. 14).

A Cia. Paulista, por sua vez, percebeu que o crescimento urbano seria um bom investimento. “De acordo com Cione, um pacto acabou sendo firmado. Cada empresa ficou com um raio de ação definido, mesmo que nos bastidores, continuassem trabalhando para ganhar a preferência do consumidor” (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000, p. 153 - 154).

No ano de 1928, a Companhia Cervejaria Paulista gerou um capital de 3.000:000\$000 (três mil contos de réis) e empregava 205 funcionários (LANZA, LAMOUNIER, 2014), enquanto que na mesma década a Antártica chegou a possuir a quantia de 6.000.000 de contos de réis e 279 funcionários (GIORGI, 2017).

Os lucros exorbitantes dos produtores de café e a grande circulação de capital na cidade trouxeram consigo a demanda da elite ribeirão-pretana em consumir cultura – em sua maior parte seguindo os modelos europeus – e desfrutar de novas formas de lazer. A Figura 3 apresenta a programação de teatros e salões da época, ilustrando a oferta de atrações culturais na cidade.

Figura 3 – Programação de Teatros e Salões



Fonte: A Cidade (11 fev. 1912), apud MARCONDES, GARAVAZO, 2004, p. 4

Sabendo dessa necessidade, o francês François Cassoulet inaugurou e administrou diversos empreendimentos como teatros, cassinos e cabarés e ficou conhecido “Rei da Noite” por movimentar a vida noturna de Ribeirão Preto (ABREU, 2018; ARAUJO, 2017).

Em terras ribeirão-pretanas, não demorou-se para entrar em ação, inaugurando seu primeiro estabelecimento, o Café Concerto. [...] Em 1903, Cassoulet passa a administrar o Paris Theatre e inaugura o Cassino Eldorado Paulista. Em 1905, [...] passa a administrar o Teatro Carlos Gomes, à época o maior de Ribeirão Preto, em 1909 também assume o Cassino Antártica – que só reinauguraria posteriormente, em 1914. Ainda a este império do

entretenimento se acresceriam o Cinema Rio Branco e o Teatro Polytheama (ABREU, 2018, p. 65).

Segundo o historiador Mar Wagner ([s. d.] apud Abreu, 2018, p. 59), um dos mais importantes empreendimentos de François Cassoulet foi o Cassino Antártica:

De todos os negócios realizados, seu grande trunfo foi a parceria com a Cervejaria. Com o objetivo de enaltecer sua marca, a Companhia Antártica Paulista inaugurou, em 1914, o Cassino Antártica e o Restaurant e Rotisserie Sportsman [...] O Cassino Antártica juntamente com o Teatro Carlos Gomes formaram a identidade cultural da Belle Époque em Ribeirão Preto.

O fim do sucesso desse empresário veio com a queda da exportação de café durante a Primeira Guerra Mundial e pela queda de 1918 que levou os “barões” a reduzirem gastos e isso diminuiu a procura pela vida noturna de Ribeirão Preto. Dessa forma, seus negócios vieram à falência um após o outro. (ABREU, 2018).

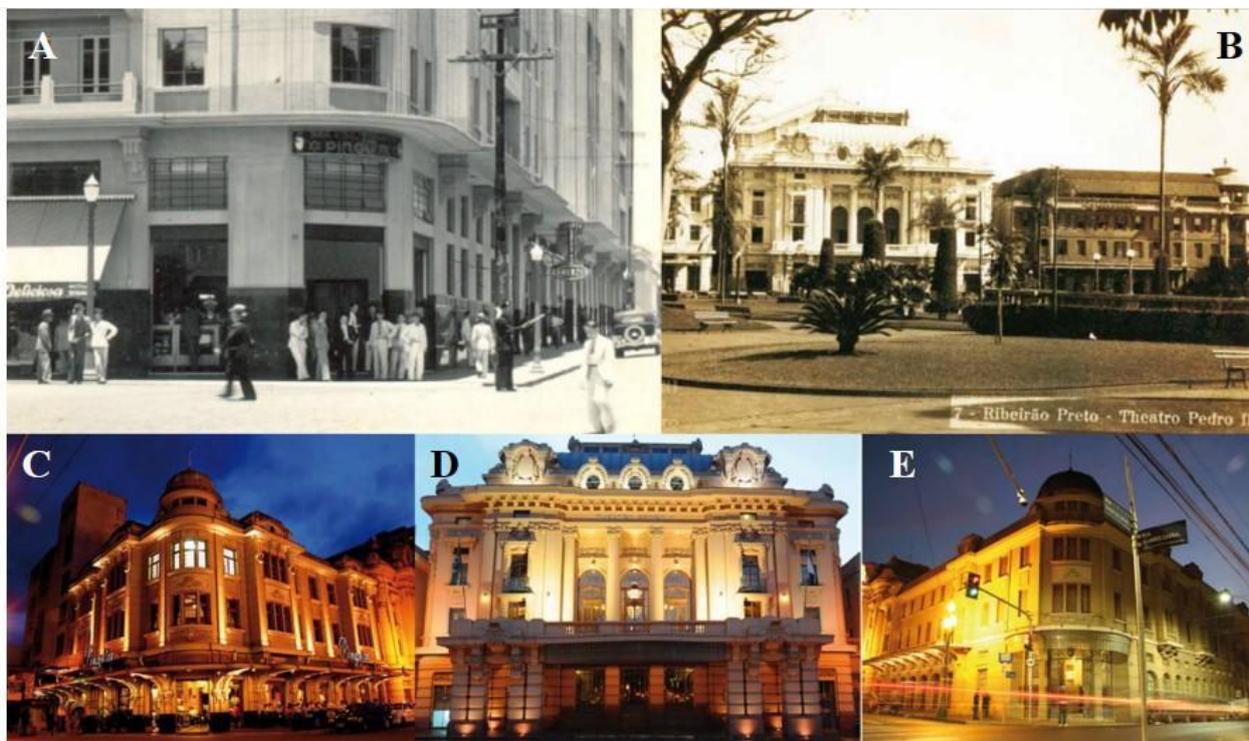
Em 1924, Adalberto Henrique de Oliveira Roxo, um próspero comerciante de café, resolveu construir um hotel “à altura da importância que Ribeirão Preto tinha na época”. Ele adquiriu diversas construções antigas na esquina das Ruas Duque de Caxias e Álvares Cabral que foram demolidas para a construção do Hotel Central, que foi inaugurado em 1926. A Cia. Cervejaria Paulista adquiriu o Hotel em 1927, que passou a ser chamado Hotel Palace, e os terrenos adjacentes em que posteriormente foram construídos um teatro de ópera chamado Theatro Pedro II e o Palacete Meira Júnior, um edifício comercial (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000; ABREU, 2018). Todo esse conjunto arquitetônico ficou conhecido como Quarteirão Paulista (Figura 6) e foi concluído em 1930 com a inauguração do Pedro II (CAROLO, 1995).

Estes investimentos, pioneiros, lançaram vultosas somas na economia local em plena crise e foram ainda responsáveis por lançar as bases do que viria a se tornar baseada a economia local até os nossos dias: uma cidade prestadora de serviços (REGISTRO, 2000, não paginado).

Pela sua grandiosidade e monumentalidade o Quarteirão Paulista se tornou um dos principais cartões postais da cidade Ribeirão Preto (ABREU, 2018). Segundo a arquiteta Renata Alves Sunega (2011, p. 26):

[...] Este se tornaria um grande empreendimento cujo objetivo, além do embelezamento da cidade, fortaleceria Ribeirão Preto como polo do interior. O Quarteirão Paulista foi a conclusão do processo histórico de transformações da Praça XV de Novembro.

Figura 6 – A: Choperia Pinguim no Edifício Diederichsen na década de 1950. B: Quarteirão Paulista visto da Praça XV de Novembro na década de 1930. Da esquerda para a direita: Edifício Meira Júnior (onde posteriormente foi instalada a Choperia Pinguim), o Theatro Pedro II e o Edifício Palace. C: Edifício Meira Júnior com funcionamento da Choperia Pinguim, em 2011. D: Theatro Pedro II, em 2011. E: Edifício Palace, em 2011.



Fontes: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto (A e B) e Grupo Amigos da Fotografia (Ribeirão Preto/SP) (C, D e E).

Existiram diversos problemas na construção do Theatro Pedro II, entre eles “o estouro do orçamento da obra, que teria comprometido as finanças da empresa e uma desavença com o arquiteto que, na opinião de Meira Júnior, teria fugido à planta e suprimido obras presentes no projeto” (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000, p. 161). Se o projeto inicial fosse cumprido à risca o Pedro II teria sido o maior teatro de ópera do Brasil, mas mesmo com as reduções dos investimentos e das proporções das obras, permanece como o terceiro do país (ABREU, 2018).

Em 15 de junho de 1980, um incêndio destruiu boa parte das instalações do teatro (CAROLO, 1995). A mobilização política e o envolvimento da população e da iniciativa privada resultaram no tombamento do Theatro Pedro II pelo Patrimônio Histórico em 1982 e, em 1993, dos demais edifícios do Quarteirão Paulista. O processo de restauração desses monumentos históricos durou de 1991 a 1996. Atualmente o antigo Hotel Palace abriga o Centro Cultural Palace, que oferece diversas atividades educativas e culturais (ABREU, 2018; VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000).

De acordo com a historiadora Ana Carolina de Araujo (2017, p. 123): “os altos investimentos das grandes cervejarias na cidade fizeram com que a economia local superasse a crise de 1929, à qual nem mesmo a economia cafeeira conseguiu resistir”. Tanto a Companhia Cervejaria Antarctica

Paulista quanto a Cia. Cervejaria Paulista foram grandes pagadoras de impostos em Ribeirão Preto. A Figura 4 apresenta a divulgação do pagamento de impostos pela cervejaria Antarctica, ilustrando sua importância para o município. Até a década de 70, a Antarctica foi a indústria que mais empregou e que mais gerou impostos no município, e no ano de 1939 a Cia Cervejaria Paulista foi a maior pagadora de impostos. (SASTRE, 2000c; MARCONDES; GARAVAZO, 2004).

Figura 4 – Pagamento de impostos da Cervejaria Antarctica em 1938



Fonte: Arquivo Público e Histórico de Ribeirão Preto - Revista de Ribeirão Preto, n.2, maio de 1939

4. Ribeirão Preto: Terra do Chope

O Edifício Diederichsen foi construído no centro da cidade em 1936, por Antonio Diederichsen e seu sócio Manuel Penna. Este foi o primeiro prédio do interior paulista e abrigava diversos estabelecimentos, dentre eles escritórios, consultórios, cinema, hotel e o Snooker Pinguim, que foi inaugurado pela Antarctica em 1936 (GIORGI, 2017). Por ter construído este edifício em plena crise, Diederichsen motivou investimentos, reanimou a economia e ensaiou os primeiros passos que definiram outra vocação da cidade: comércio e serviços (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000).

O Snooker Pinguim era frequentado por boêmios, intelectuais e outros membros da elite. Inicialmente foi administrado pelo senhor Tino – Clementino Celligoi – que era popularmente conhecido como Alemão, e já tinha experiência na área de bebidas pelo seu famoso bar, o Bar do Alemão, marcado pelo bom atendimento (GIORGI, 2017; VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000).

O Snooker Pinguim fechou com a morte de seu proprietário e reabriu em 1943 com o nome Bar e Restaurante Pinguim, sob a administração do espanhol Nicolacci de Miranda Quadrado, maitre da Companhia Cervejaria Antarctica. A partir daí o Pinguim foi ganhando notoriedade. Por ele passaram políticos importantes como os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e Jânio Quadros, além de cantores e apresentadores de programas. Foi também local de comemoração após jogos de futebol na cidade, sendo o principal deles o tradicional Come-Fogo, Botafogo contra Comercial, na qual os torcedores deixavam a choperia lotada (GIORGI, 2017; VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000).

A Choperia Pinguim se tornou um cartão postal da cidade e trouxe consigo a fama de ter o melhor chope do mundo, além de ser o principal ponto turístico do município. A partir disso, um ditado ficou popular: “Vir a Ribeirão Preto e não visitar o Pinguim é como ir a Roma e não ver o Papa”. Fato que demonstra a importância da Choperia como ponto turístico é o de que os turistas eram os principais frequentadores da casa, com aproximadamente noventa por cento dos clientes vindo de fora (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000).

Segundo Viarti, Tofeti e Oliveira (2000, p. 176), “a fama da choperia já atravessou as fronteiras do País. Foi tema de reportagens no jornal americano New York Times e de revistas francesas.”. Apesar disso, o reconhecimento do Pinguim se devia principalmente à propaganda boca a boca, visto que

[...] o Pinguim nunca realizou grandes investimentos em propaganda da sua marca [...]. Suas histórias, crenças e valores foram passados de geração para geração e o povo ribeirão-pretano contribuiu muito para o fortalecimento da marca (KANESIRO; BOTELHO JÚNIOR, 2004/2005, p. 44).

Um grande exemplo desse marketing boca a boca do Pinguim são as lendas criadas para explicar a qualidade do chope que era servido: “até hoje a lenda sobrevive: o chope do Pinguim é mais denso e saboroso pela qualidade da água que vem dos poços artesianos.” Há ainda o folclore de “uma quilométrica serpentina que vinha diretamente” da Cervejaria Antarctica, por baixo da terra, trazendo o chope da cervejaria para a bomba do Pinguim (CAROLO, 1995, p. 12).

Já para os proprietários, o sucesso era atribuído “ao cuidado na hora de retirar o chope do barril”. Para manter a qualidade do chope, eram seguidos procedimentos metódicos desde a refrigeração, ao processo de lavagem dos copos, à pressão da torneira e até a maneira com que era servido, chegando às mesas bem gelado. “[...] Para que o ‘colarinho’ seja cremoso e não apenas

espuma, o tirador joga fora um pouco do chope e completa o copo novamente.” (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000, p. 177).

Outro aspecto importante sobre a Choperia Pinguim é a qualidade no atendimento ao cliente. “Segundo uma norma da casa, o cliente não precisa pedir a bebida. Quando pensa em levantar a mão, o garçom já está ao lado para servir”. (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000, p. 177).

Em 1965, Albano Celini comprou a choperia. Essa foi a década de maior movimento do Pinguim I, “servia chope das 8 da manhã às 3 da madrugada.” (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000, p. 181). Além de registrar a passagem de 2 mil pessoas, diariamente, que consumiam mais de 2 mil litros de chope (KANESIRO; BOTELHO JÚNIOR, 2004/2005, p. 43).

De acordo com Viarti, Tofeti e Oliveira (2000, p. 181), foi Albano Celini quem criou a lenda da serpentina gigante:

O empresário revelou que tudo teve início com uma derrota do Botafogo por 7 x 2 para o Santos de Pelé. Celini inventou a história para encerrar uma discussão sobre a qualidade do chope e ir para casa mais cedo. A notícia se espalhou e teria sido, inclusive, motivo de uma aposta entre um juiz e um funcionário do Fórum de São Paulo que teriam vindo a Ribeirão Preto para confirmar a veracidade dos fatos.

No final de 1977, foi inaugurado o Pinguim II no Edifício Meira Júnior, aumentando a capacidade do fornecimento de chope. No entanto, a partir de um estudo realizado em 1992, foi observado que o movimento de ambas as casas passou a cair, deixando a existência de ambas inviável. A saída para esse problema foi fechar o Pinguim II para restauração e transformar o Pinguim I em um espaço cultural, “que visava contar a história do próprio Pinguim, bonecos animados de Pinguim, uma área para degustar o chope famoso e loja de souvenirs, entre outras coisas.”, que foi inaugurado em 2003 com o nome Empório Pinguim (KANESIRO; BOTELHO JÚNIOR, 2004/2005, p. 44).

A terceira choperia foi inaugurada em novembro de 1997, no Ribeirão Shopping, com decoração e arquitetura diferenciadas, mas possuindo algumas características do Pinguim I e II. Nesta unidade eram servidos 30 mil litros de chope por mês e a clientela girava em torno de mil pessoas por dia. Os proprietários do Pinguim instalaram mais uma unidade no Shopping Santa Úrsula, em outubro de 1999, a qual recebia, em média, 12 mil pessoas por mês. (VIARTI; TOFETI; OLIVEIRA, 2000, p. 182). Posteriormente, foram abertas mais duas filiais da choperia Pinguim: uma em Brasília e outra em Belo Horizonte. Esta última fechou no ano de 2020 devido às dificuldades enfrentadas durante a pandemia e em 2016 foi fechada a unidade do Shopping Santa Úrsula (SÍMBOLO..., 2016; ALMEIDA, 2021).

5. Desenvolvimento e queda da grande indústria cervejeira

Ao longo do tempo a Cia Cervejaria Paulista lançou diversas marcas de cervejas, sendo elas: “Sterlina, Khronos, Crystalina, Caraboo, Zurê, Nozbire (preta doce) e, especialmente para os mineiros, a Zebu e a Triângulo. Viriam a ser substituídas com o lançamento da Trust, que existiu por décadas”. (ABREU, 2018, p. 15). Esta última cerveja juntamente com a Poker e Niger, “tornaram-se as principais marcas de cervejas produzidas pela Cia Paulista e foi sob a égide desta triologia que a Cia. se tornou conhecida, a princípio regional e depois nacionalmente.” (REGISTRO, 2000, não paginado).

A cerveja Niger chegou a ser eleita como a melhor cerveja escura do país, e teve seu nome inscrito junto com a Poker em azulejos na chaminé da Cia Paulista, que posteriormente foi tombada pelo Patrimônio Histórico. Além disso, a produção da fábrica durante a crise financeira sofrida entre 1930 e 1940 foi baseada principalmente na marca Niger (ABREU, 2018; REGISTRO, 2000).

Além da chaminé, existem outros elementos marcantes da Cia Cervejaria Paulista que permanecem na memória do ribeirão-pretano: a sirene e o oratório (Figura 5). A sirene foi comprada pela Cia Paulista em 1928, possuía a forma de uma sereia e soava a cada troca de turno por exatos 45 segundos, sendo ouvido em todo o centro e nos bairros das redondezas (GIORGI, 2017). Tocava

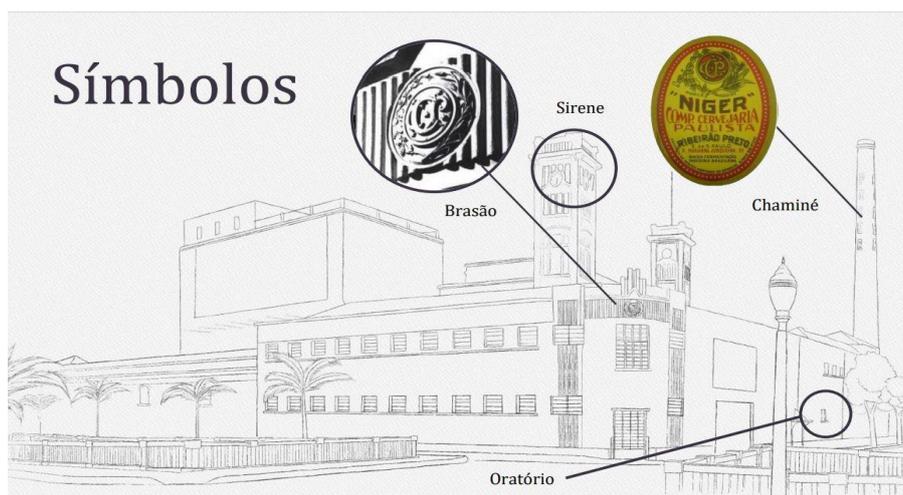
[...] às 6 da manhã, acordando a todos, ao meio-dia, anunciando o almoço e às 18 horas, abrindo a noite. Àquela época, esse relógio sonoro pautava o dia de trabalho, além de avisar que o descanso era necessário. [...]” (ABREU, 2018, p. 18).

A “sereia” foi tocada algumas vezes fora do horário padrão em ocasiões especiais, como no fim da Segunda Guerra Mundial e com a chegada dos expedicionários, vindos da Itália (GIORGI, 2017).

Quanto ao oratório, ele se encontra

Ao lado do portão de entrada, pela Rua Mariana Junqueira [...]. A sua origem é bastante controversa. Fala-se que, naquele lugar, um crime ocorreu e, com o tempo, tornou-se um espaço devocional sincrético. Ainda hoje, podem-se notar manifestações múltiplas, velas devocionais, diariamente acesas por populares, figuras e orações católicas, imagens de santos, referências a entidades dos cultos afro-brasileiros. Tornou-se um ponto de visitação desde há muitas décadas. (ABREU, 2018, p. 18)

Figura 5 – Símbolos da Cervejaria Paulista



Fonte: ABREU (2018)

O auge da Antarctica aconteceu na década de 1940, administrada por Max Bartsch entre 1930 e 1942, essa empresa ajudou a construir o centro de Ribeirão Preto. Conforme foi descrito por Braghetto (1998 apud Castro, 2015, p. 93),

Bartsch usou todo o poder que a Antarctica tinha em Ribeirão Preto para fazer a cidade evoluir, criando jornais e fundando a Orquestra Sinfônica, além de várias outras associações. Foi a época em que a cidade mudou.

A Antarctica era famosa pela sua cerveja conhecida como “faixa azul, devido à presença de uma faixa azul em seu rótulo, o que a diferenciava das demais cervejas, como uma marca registrada de sua qualidade.” (CASTRO, 2015, p. 96). Além disso, o seu refrigerante mais famoso, o Guaraná, trazia a sub-denominação de champagne, que precisou ser abolida por razões de ‘denominação de origem’ exigida pelos franceses (ABREU, 2018).

Além do sucesso do Pinguim, da Cervejaria Antártica e da Cia. Cervejaria Paulista, outra cervejaria que alcançou certa projeção em Ribeirão Preto foi a São Domingos, fundada em 1950 pelos sócios Domingos Baptista Spinelli (empresário, professor e cidadão emérito da cidade), Domingos Innech e seu irmão Francisco Cláudio Innech. A São Domingos funcionava na rua São Paulo e produzia as cervejas Sinhá Chopp, Sinhazinha e Chopp Sinhô, além de refrigerantes (GIORGI, 2017, p. 49).

A disputa entre a Cia Cervejaria Paulista e a Companhia Cervejaria Antarctica pelo mercado só terminou em 1972 com a fusão destas duas cervejarias após a compra da Paulista pela sua rival. A razão social da empresa passou a ser Antarctica Niger S/A, sendo o termo Niger proveniente da primeira cerveja preta lançada na cidade (1892..., 2001). De acordo com Manoel Aparecido Domingos (2001 apud 1892..., 2001), presidente do sindicato dos cervejeiros de Ribeirão Preto, a

junção das duas cervejarias foi bem recebida e logo após a fusão, as duas fábricas chegaram a contar com 1.500 funcionários, sendo que o quadro começou a ser reduzido em 1999, com a transferência de parte da unidade para Jaguariúna.

Em 1992, a indústria ampliou a capacidade instalada em 50%. Em 1994, a produção de cerveja cresceu 15% e a de refrigerantes, 10%. Nesse ano a empresa possuía 70.000 pontos de venda na área de atuação: Norte e Noroeste de São Paulo, Triângulo Mineiro e parte do Mato Grosso do Sul, e apenas em Ribeirão Preto possuía 3.000 pontos de venda. No ano de 1995, a Cervejaria Antarctica Niger possuía 1,5 mil funcionários, que produziam mais de 135 milhões de litros de cerveja e 35 milhões de litros de refrigerantes por ano (CAROLO, 1995).

No ano de 1998, a Antarctica encerrou a fabricação de cerveja em Ribeirão Preto e manteve a produção de chope até janeiro de 2000. A produção da “faixa azul” e do chope foi transferida para a unidade da empresa em Jaguariúna (29 km de Campinas/SP), devido à crise financeira que atingiu o país e à necessidade de baixar o preço no mercado (CASTRO, 2015).

Em 1999, foi iniciado o processo de fusão de duas antigas rivais, Brahma e Antarctica, constituindo a Companhia de Bebidas das Américas (AmBev), que foi aprovado pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) em 30 de março de 2000 com as condições de que a Antarctica deveria vender a fábrica de Ribeirão Preto, além de outras 4 fábricas e da marca Bavária. A cervejaria canadense Molson adquiriu as cinco fábricas, a marca Bavária e posteriormente a Kaiser (CASTRO, 2015).

Segundo Angelo Sastre (2000c),

A venda da fábrica da Antarctica de Ribeirão Preto (319 km de SP), uma das condições impostas pelo CADE para aprovar a fusão com a Brahma, ameaça o emprego de 180 funcionários e representa o fim de um ciclo econômico na cidade já conhecida como capital do chope. [...] A unidade de Ribeirão era responsável por 75% do chope da Antarctica comercializado no Estado.

A Antarctica de Ribeirão Preto foi desativada em 2003 após anos de decadência, “deixando um grande legado e tornando-se um local de memória para moradores das proximidades da fábrica, ex-funcionários, entre outros”. (GIORGI, 2017, p. 51).

A compra do prédio da Antarctica foi oficializada em junho de 2009, pelo grupo União de Investidores, representado pela Suave Comunicação, de Itamar Suave. A venda não incluía os equipamentos da cervejaria, que deveriam ser retirados pelos antigos proprietários em um prazo de 180 dias. Houve algumas exigências por parte da então prefeita, Dárcy Vera: a fachada original deveria ser preservada e deveria ser construído um museu da cervejaria no local – os novos proprietários garantiram que o pedido seria atendido –, além disso, que o prédio da Cervejaria Kaiser,

localizado na mesma avenida, não fosse incluído na venda – o que também foi atendido –. (CASTRO, 2015, p. 100-101)

A razão do pedido é que o prédio é tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico (CONDEPHAAT), pelo Conselho de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Ribeirão Preto (CONPPAC) e, atualmente, encontra-se em processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Outra razão para o pedido é que funciona, neste prédio, os Estúdios Kaiser de Cinema, tendo sido cedido pela Heineken do Brasil (controladora da Kaiser) para a São Paulo Film Commission desenvolver seu centro de produção audiovisual (CASTRO, 2015, p. 101).

Os Estúdios Kaiser de Cinema foram sediados nas instalações da Companhia Cervejaria Paulista, desde seu tombamento (2007) até 2017. Em 2018 foi adquirido por empresários do Grupo SEB/COC e passou a sediar o Instituto SEB/COC – denominado de “A Fábrica” a partir de 2018 (ABREU, 2018; SÃO PAULO, 2007). Em seu primeiro ano de funcionamento, o Instituto SEB comportava três Emissoras de Rádio e duas TVs, cursos voltados à formação profissional e de preparação aos vestibulares, e

a mentoria social, que reúne dezenas de instituições de benemerência. O prédio, se tornará, brevemente, um Centro Cultural dotado de Galerias de Arte, além de diversas outras atividades educacionais e culturais. A existência do Instituto promove a revitalização de uma área do Centro Histórico que vem sendo degradada há décadas. (ABREU, 2018, p. 19).

Para o prédio da Antartica, havia a previsão para construção de um shopping que deveria ter sido entregue até dezembro de 2014, além disso, havia também a previsão para a restauração de quatro estruturas do prédio e construção de um memorial para a fabricação da cerveja na cidade para o segundo semestre de 2012. No entanto, a imagem que se tinha da fábrica em 2015 era a de um prédio abandonado, o qual estava amplamente deteriorado e com diversas pichações. (PRÉDIO..., 2012; GIORGI, 2017).

De setembro a dezembro de 2015 ocorreu a demolição do prédio da antiga Cervejaria Antartica, na qual foram poupadas as estruturas protegidas pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Artístico e Cultural de Ribeirão Preto (CONPPAC – RP) – mesmo órgão que aprovou o tombamento da cervejaria como patrimônio histórico em 19 de fevereiro de 2013 –, sendo elas 3 prédios e uma caixa d’água. (SHOPPING..., 2016; DEMOLIÇÃO..., 2016; CASTRO, 2015).

O estado atual das estruturas que sobraram do prédio da Antartica preocupa moradores e especialistas. “Por lá, se vê galpões arruinados, cercados por muito mato alto, e calçadas que servem de abrigo para moradores de rua.” O historiador Sérgio Campos Gonçalves reforçou a importância do prédio da Antartica para a memória da cidade, segundo ele o prédio ajudou a criar uma potência econômica na cidade e que “a projeção econômica no cenário nacional de Ribeirão tem uma relação

íntima com uma indústria como essa”. Ainda segundo ele, a situação que os prédios se encontram atualmente já aponta para uma tendência de irreversibilidade

“As leis de tombamento já existem. O que falta é o poder público e o privado serem obrigados a seguir a lei ao pé da letra, para que esses patrimônios sejam preservados conforme está estabelecido na lei de tombamento.” (ABANDONO..., 2021).

6. Superação da crise e constituição do Polo Cervejeiro

Apoiando-se na história cervejeira já existente em Ribeirão Preto, Marcelo Carneiro fundou em 1996 a Cervejaria Colorado, a segunda cervejaria artesanal brasileira (a primeira foi a Dado Bier, inaugurada no ano anterior). A empresa começou produzindo suas bebidas de acordo com os estilos tradicionais europeus e depois começou a utilizar ingredientes típicos brasileiros em todas as suas cervejas. Como se tratava de um produto novo no mercado, que àquela época era dominado pelas grandes cervejarias, algumas das dificuldades iniciais enfrentadas pela Colorado foram o desconhecimento dos ribeirãopretanos sobre as cervejas artesanais e o padrão de consumo já estabelecido. (GIORGI, 2017).

De acordo com o economista Diego Sartori (2014 apud Giorgi, 2017, p. 54), em 2014 a Colorado tinha a capacidade para produzir 130 mil litros ao mês e vendia para “aproximadamente oito mil estabelecimentos Brasil afora (as cervejas eram inclusive exportadas para países como a França, Estados Unidos, Japão, Nova Zelândia e Noruega)”. O sucesso da Colorado e outras precursoras nacionais incentivaram a abertura de outras cervejarias em Ribeirão Preto.

A segunda cervejaria artesanal da cidade foi a Lund, em 2009, seguida pela Invicta em 2011, em 2015 a Weird Barrel, Klaro e Walfänger; Cervejaria Pratinha e SP330 em 2016, Cervejaria Jops em 2017 e Cervejaria Maltesa em 2018 (NOGUEIRA, 2019a).

O Polo Cervejeiro surgiu em 2012, em um encontro na Câmara Municipal de Ribeirão Preto, como “Associação da Indústria Cervejeira de Ribeirão Preto”. Reunia um grupo de 20 empresas, entre elas fabricantes de cerveja artesanal, fornecedores, distribuidores, bares e restaurantes da cidade e região. Objetivava reduzir os custos de produção, ampliar negócios locais e tornar o Polo Cervejeiro (PCRP) uma atração turística do município, capaz de atrair recursos e promover a produção local de cerveja artesanal. Compreendia três cervejarias: Colorado, Invicta e Lund (DCI, 2012 apud SOUZA, 2019).

O estatuto do PCRP foi definido em 2014 (NOGUEIRA, 2019a) e em 2015 a Cervejaria Colorado foi adquirida pela AmBev, o que fez com que ela tivesse que deixar de fazer parte do PCRP, pois, “poderia gerar conflitos de interesse, visto que a cooperação entre as cervejarias no PCRP tem o intuito de fortalecê-las frente às grandes empresas que dominam o mercado, criar estratégias de sobrevivência e impulsionar a competitividade.” (SOUZA, 2019, p. 40).

Em 2016, o PCRCP foi oficialmente lançado com a missão de

promover a cultura cervejeira em Ribeirão Preto, ou seja, proporcionar ao público da cidade e região (de influência comercial e de prestação de serviço) a paixão pela cultura da cerveja, despertando e disseminando o interesse pela apreciação de diferentes sabores e estilos, por sua história, seu processo de produção e sua relação com a diversão e a socialização para que os consumidores, que vivenciem essa experiência, compartilhem suas impressões e mais pessoas se interessem pela cerveja artesanal; fortalecer a identidade como Polo Cervejeiro, obtendo reconhecimento dos consumidores, fornecedores, órgãos públicos e comunidade local; e fortalecer suas microcervejarias, trabalhando conjuntamente em ações de interesse comum para ganhar força e representatividade. (ESTATUTO PCRCP, 2018 apud SOUZA, 2019, p. 41).

Além disso, a criação do PCRCP teve como impulsionador o objetivo de reunir forças para lutar por questões tributárias, garantir acesso e benefícios às cervejarias relacionados aos agentes da cadeia produtiva (negociação com fornecedores de embalagens, frete, insumos, etc.), e para pleitear reconhecimento das autoridades e inclusão em programas de políticas públicas (SOUZA, 2019).

Em abril de 2018, o PCRCP juntamente com outras empresas da cadeia produtiva de cerveja foi reconhecido pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo (SDECTI, atualmente Secretaria de Desenvolvimento Econômico: SDE) como Arranjo Produtivo Local (APL) (SOUZA, 2019, p. 12).

[...] APLs são aglomerações de empresas e empreendimentos, localizados em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva, algum tipo de governança e mantêm vínculos de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais, tais como: governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa (BRASIL, 2017, não paginado).

Tal reconhecimento é importante pois pode trazer ganhos de marca para o setor, estimular ainda mais trabalho colaborativo e atrair novas empresas, além de ter potencial de ser um direcionador de políticas públicas de desenvolvimento econômico. Somado a esses fatos, há também a possibilidade de acesso a recursos públicos por meio de editais de chamamento exclusivos para APLs. Em 2020 e em 2022, o APL de Cervejas Artesanais de Ribeirão Preto teve seu reconhecimento renovado pelo Governo do Estado. (SCHIAVONI, 2022).

No momento, a Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP) atua como secretaria do grupo e coordena as ações coletivas desenvolvidas. Como órgão de apoio, à ACIRP somou-se o Supera Parque de Inovação e Tecnologia de Ribeirão Preto, entidade vinculada à Prefeitura Municipal, e que auxilia na articulação com o poder público e com a academia, de modo a também fomentar a inovação no setor. O Instituto Federal de São Paulo, *campus* Sertãozinho, é outro importante órgão de apoio, liderando o esforço para obtenção de Indicação Geográfica (IG) ou Marca Coletiva (MC) para o Polo Cervejeiro e atuando também em projetos de pesquisa. Outras entidades

que colaboram para o setor são o MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento), SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas), SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária).

Incluindo Ribeirão Preto, 9 municípios do Estado de São Paulo compõem o APL, entre eles: Porto Ferreira, Batatais, Sertãozinho, Jaboticabal, Monte Alto, Sales Oliveira, Dumont e Cajuru. Segundo dados do Observatório Brasileiro APL ([s. d.]), foram registradas 18 cervejarias no APL, sendo 12 em Ribeirão Preto e 6 nas cidades próximas, com um total de 451 funcionários. Além das de Ribeirão Preto, são algumas das cervejarias da região: Alquimia, Boreal, BR Brew, Nordlands e Wolfesbier em Sertãozinho; Salles Bier em Sales Oliveira; Batatais e Cabala em Batatais e por fim; Cigana em Jaboticabal (NAVARRO, 2021).

Conforme citado acima, atualmente há um esforço e um processo de discussão no sentido do reconhecimento dos produtos e serviços do setor cervejeiro através de signos distintivos, como a Indicação Geográfica (IG) e Marca Coletiva (MC). No caso das Indicações Geográficas, é indicada a origem de um produto ou serviço que tenha determinada característica, qualidade ou reputação atribuída ao meio geográfico, por fatores humanos ou naturais (BRASIL, 2017). Já a Marca coletiva (MC) é aquela destinada a identificar e distinguir produtos ou serviços provenientes de membros de uma pessoa jurídica representativa de coletividade (associação, cooperativa, sindicato, consórcio, federação, confederação, entre outros), de produtos ou serviços iguais, semelhantes ou afins, de procedência diversa (art. 123, inciso III, da LPI). (BRASIL, 2021).

Os registros tanto de MC quanto de IG são concedidos pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI) e possuem normativas específicas e critérios para seu reconhecimento. Nesse contexto, pode-se destacar algumas ações para o levantamento dos requisitos necessários à sua obtenção, tais como: reuniões e palestras com representantes do MAPA para esclarecimento das bases conceituais e legais das IGs e MCs; formação de um Grupo de Trabalho envolvendo representantes das cervejarias, da ACIRP, IFSP, Supera Parque e SEBRAE para levantamento de dados do setor, estudos sobre a história da cidade e os aspectos culturais ligados à cerveja; realização de visitas técnicas às IGs do café da Alta Mogiana e do calçado de Franca; palestra e discussão com o gestor da IG do Vale dos Vinhedos (a mais antiga do Brasil); entre outras (Figura 7).

Figura 7 – Eventos realizados pelo Polo Cervejeiro de Ribeirão Preto. A: reunião com a rede hoteleira. B: Hop On/Hop Off (rota da cerveja). C: Ribeirão Beer Fest. D: reunião com entidades sobre Indicação Geográfica



Fonte: Polo Cervejeiro de Ribeirão Preto

Atualmente Ribeirão Preto conta com 13 cervejarias artesanais, das quais nove, somadas a três de Sertãozinho, uma em Salles de Oliveira, e uma em Batatais, fazem parte do Polo Cervejeiro. Outras cervejarias já integraram o PCRP mas não fazem parte atualmente. As cervejarias do Polo, juntas, conquistaram 98 premiações em festivais nacionais e internacionais de cerveja de 2013 até 2019, e nesse mesmo ano, a Cervejaria Colorado foi a cervejaria mais premiada do Brasil. (D'AQUINO, 2019; NOGUEIRA, 2019b; BRASIL, 2022).

Anualmente acontecem diversos eventos cervejeiros em Ribeirão Preto, que além das microcervejarias ribeirão-pretanas, atraem diversas outras cervejarias brasileiras, contando com a presença de pessoas de diversas partes do país e até convidados estrangeiros. Alguns desses eventos são o Ipa Day, o Slow Brew Brasil, Invicta Nocaute Festival, Oktoberfest Ribeirão, entre outros (GIORGI, 2017, p. 62). Além disso, existe o Hop On / Hop Off (conhecido popularmente como rota da cerveja), que se trata de um passeio feito por cervejarias da cidade em que os participantes podem passar pelos seus respectivos bares na sequência que preferirem, com transporte à disposição para se locomover de uma cervejaria à outra (Figura 7B).

É importante ressaltar o crescimento do número de cervejeiros caseiros em Ribeirão Preto e do número de membros que se juntaram à Acerva Paulista (Associação dos Cervejeiros Artesanais Paulistas), que possui uma sede regional no município. “Além dos cervejeiros filiados à associação, outros tantos produzem cerveja informalmente” (GIORGI, 2017, p. 62). Os integrantes da associação promovem brassagens públicas durante eventos cervejeiros que ocorrem na cidade, “mostrando aos

visitantes como ocorre o processo de produção cervejeira e incentivando pessoas a fazer suas próprias cervejas em casa”. Outras brassagens coletivas são realizadas por grupos que se reúnem em determinados espaços, a fim de trocarem experiências e degustarem variados tipos de cerveja e produzirem receitas em conjunto. Tais encontros são organizados principalmente pelo Facebook (GIORGI, 2017). A cidade também foi sede da CooperBreja, primeira cooperativa de cervejeiros do Brasil, fundada em 2016. A sociedade atuava na venda de insumos aos cervejeiros com preços acessíveis, difusão de conhecimento cervejeiro, cursos e em, em 2020, contava com quase mil cooperados. Entretanto, em abril de 2021, teve seu funcionamento encerrado.

Apesar das variações nos contextos políticos e econômicos, houve um grande crescimento do segmento entre 2008 e 2018, na qual a região de Ribeirão Preto teve um aumento de 400% na geração de empregos diretamente ligados a microcervejarias, chegando a uma média de 4,17 funcionários por cervejaria e concentrando 0,45 pequenas cervejarias a cada 100.000 habitantes (número bem superior à segunda colocada, Campinas, que possuía a razão de 0,27) segundo o levantamento realizado pela ACIRP (GROSSI, 2018).

De acordo com o Anuário da Cerveja 2021, Ribeirão Preto ocupa o 13º lugar do ranking de municípios brasileiros com mais cervejarias. A cidade fechou 2021 com 13 cervejarias, e além disso, é o 10º município em número de produtos registrados em cervejaria (BRASIL, 2022).

Segundo o economista entrevistado pela revista Revide, Gabriel Couto, “a região se destaca por possuir as microcervejarias que mais empregam, em média, no Estado”, além disso

A 10 ou até 15 anos atrás, a gente praticamente não tinha esse tipo de negócio na cidade e, nesse curto período de tempo, começou o surgimento de diferentes empresas que atuam nesse ramo. Hoje, estamos nos tornando uma referência no mercado nacional de cervejas artesanais. (GROSSI, 2018).

Pela grande expansão do mercado das cervejas especiais no Brasil nos últimos anos, pela tradição da região de Ribeirão Preto na área cervejeira, “e também a experiência do parque industrial de Sertãozinho, já reconhecido no setor sucroalcooleiro”, o campus Sertãozinho do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) passou a ofertar, em 2020, um curso técnico gratuito em cervejaria. O curso técnico oferece 40 vagas anuais, no período noturno, com duração de 1.200 horas, divididas em três semestres e é o único no estado de São Paulo. (SANTOS, 2019).

Além da formação técnica, a inserção do Instituto Federal no universo cervejeiro traz possibilidades de avanços em pesquisa, inovação e prestação de serviços especializados. A cultura da inovação é uma característica marcante da região, que conta com muitas universidades, centros de pesquisa, incubadoras de empresas e parques tecnológicos, o que se reflete nas cervejarias. Além da intensa inovação nos produtos, com novas receitas e adição de novas matérias-primas, algumas

cervejarias estão expandindo sua atuação. É o caso, por exemplo, da Cervejaria Pratinha, que criou um laboratório dedicado ao desenvolvimento de estudos, experimentos, protótipos de cervejas e novas tecnologias. Algumas das inovações criadas por essa cervejaria foram projetos envolvendo realidade aumentada e a primeira cerveja instantânea lançada no mundo, que se trata de uma cerveja artesanal ultraconcentrada vendida em sachês, que fica pronta para beber com a adição de um copo de água com gás gelada (CERVEJA..., 2019; CERVEJARIA..., 2017). Outro exemplo é a cervejaria Lund, que também vem apostando na inovação, lançando em 2020 uma edição limitada de picolés de cerveja nos estilos Pale Ale, Witbier e Índia Pale Ale; e naquele mesmo ano lançou em parceria com uma empresa de Ribeirão Preto um café com lúpulo, no formato drip coffee para servir o produto (É DE RIBEIRÃO..., 2020).

7. Considerações finais

O presente trabalho apresenta a relação histórica da cidade de Ribeirão Preto com a indústria e com a cultura cervejeira, que tem suas origens no final do século XIX e permanece até hoje, com a formação de um Polo Cervejeiro regional de relevância nacional. Foi evidenciada a importância da indústria desse setor no desenvolvimento econômico da cidade, com a geração de empregos, pagamento de impostos e importantes obras arquitetônicas realizadas pelas cervejarias. Atualmente, a região é reconhecida como um Arranjo Produtivo Local de Cervejas Artesanais, no qual a associação de produtores, juntamente com poder público, universidades, institutos de ensino e pesquisa têm relações de cooperação e governança que ajudam a desenvolver o setor. Estão sendo realizados estudos para solicitação de reconhecimento de Indicação Geográfica ou registro de Marca Coletiva, buscando atrelar o território à marca, tradição e qualidade de seus produtos. Além disso, a região também aposta na inovação do segmento, com o lançamento de diversos produtos e serviços para o setor, aliando a tradição e a vanguarda desse importante segmento econômico e cultural do Brasil.

Referências

1892 marca o início da tradição cervejeira. **Folha de S. Paulo**. 19 jun. 2001. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri1906200126.htm>. Acesso em: 01 set. 2020.

ABANDONO de prédios históricos em Ribeirão Preto, SP, preocupa especialista e moradores. **G1 Ribeirão Preto e Franca**. Ribeirão Preto, 15 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2021/08/15/abandono-de-predios-historicos-em-ribeirao-preto-sp-preocupa-especialista-e-moradores.ghtml>. Acesso em: 10 set. 2021.

ABREU, G. **Lugares de Memórias**: Locus e Personas. Ribeirão Preto-SP: Divertiment, 2018.

ALMEIDA, A. T. Pinguim, Alma Chef, Vecchio Sogno: veja a lista de bares e restaurantes que fecharam em BH na pandemia. **G1 Minas**. Belo Horizonte, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/01/22/pinguim-alma-chef-guaja-veja-a-lista-de-bares-e-restaurantes-que-fecharam-em-bh-na-pandemia.ghtml>. Acesso em: 19 ago. 2021.

ARAÚJO, A. C. de. **O início da tradição cervejeira em Ribeirão Preto (1900 – 1913)**. 2017. Monografia (Licenciatura em História) - Centro Universitário Barão de Mauá. São Paulo, 2017.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **O que é Indicação Geográfica? Como obter o registro?**. [S. I.]: MAPA, 06 jan. 2017. Atualizado em: 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/indicacao-geografica/o-que-e-indicacao-geografica-ig>. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **O que é Marca Coletiva? Como obter o registro?**. [S. I.]: MAPA, 22 mar. 2021. Atualizado em: 21 fev. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/sustentabilidade/indicacao-geografica/o-que-e-marca-coletiva-como-obter-o-registro>. Acesso em: 20 set. 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Arranjos Produtivos Locais- APL**. [S.I.], 14 dez. 2017. Atualizado em: 30 abr. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/produtividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/competitividade-industrial/arranjos-produtivos-locais-apl>. Acesso em: 01 maio 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. **Anuário da Cerveja 2021**. Brasília: MAPA, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/noticias-2022/numero-de-cervejarias-registradas-no-brasil-cresce-12-em-2021>. Acesso em: 20 setembro 2022.

CAROLO, A. **Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto-SP: MIC Editorial Ltda. 1. ed, 1995.

CASTRO, M. C; NAVARRO, V. R. **Memória do trabalho**: histórias do trabalho e dos trabalhadores da Cervejaria Antártica de Ribeirão Preto (SP). Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto-SP, 2015.

CERVEJA instantânea é a novidade da artesanal Pratinha. **Revista Beer Art**, 28 maio 2019. Disponível em: <https://revistabeerart.com/news/cerveja-instantanea?rq=pratinha>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CERVEJARIA Pratinha lança um app que permite “modificar” a cerveja. **Revista Beer Art**, 01 set. 2017. Disponível em: <https://revistabeerart.com/news/app-cervejaria-pratinha?rq=pratinha>. Acesso em: 26 abr. 2021.

D'AQUINO, F. Colorado: a cervejaria mais premiada do Brasil em 2019. **Nação Cervejeira**, 26 set. 2019. Disponível em: <https://www.clubedomalte.com.br/blog/noticias/colorado-cervejaria-mais-premiada-brasil-2019>. Acesso em: 26 abr. 2021.

DEMOLIÇÃO da antiga Cervejaria Antártica Paulista em Ribeirão Preto. Setembro a Dezembro de 2015:. [S. I.], [s. n.], 2016. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Miguel Porto. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CICIDG23XLE>. Acesso em 10 out. 2020.

É de Ribeirão: Lund faz collab e assina blend especial de café. **Mundo Zumm**, Ribeirão Preto, 20 set. 2020. Disponível em: <https://mundozumm.com.br/e-de-ribeirao-lund-faz-collab-e-assina-blend-especial-de-cafe/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.e. São Paulo: Atlas, 2002.

GIORGI, V. V. A “cultura cervejeira” em Ribeirão Preto (1996-2016): entre uma prática transformadora e um recurso conservador. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2017.

GROSSI, P. Microcervejarias da região de Ribeirão Preto são as que mais empregam no Estado. **Revide**, 01 jan. 2018. Disponível em: <https://www.revide.com.br/noticias/economia/microcervejarias-de-ribeirao-e-regiao-sao-que-mais-empregam-no-estado-de-sao-paulo2018/>. Acesso em: 26 abr. 2021

Grupos Produtivos de Ribeirão Preto são reconhecidos pelo Governo do Estado. **Revide**, Ribeirão Preto, 07 jun. 2020. Disponível em: <https://www.revide.com.br/noticias/economia/grupos-produtivos-de-ribeirao-preto-sao-reconhecidos-pelo-governo-do-estado/>. Acesso em: 29 abr. 2021.

KANESIRO, L. D.; BOTELHO JÚNIOR, A. C. Integrando comunicação boca-a-boca e imagem de marca: um estudo de caso da Choperia Pingüim. **Revista Nucleus**, v.3, n.1, out./abr. 2004, 2005.

LANZA, A. L.; LAMOUNIER, M. L. Café, imigrantes e empresas no nordeste de São Paulo (Ribeirão Preto, 1890-1930). **História Econômica & História de Empresas**, vol. 17 n.2, p.567-604, 2014.

MARCONDES, R. L.; GARAVAZO, J. Comércio e Indústria em Ribeirão Preto de 1890 a 1962. In: Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto (ACIRP), (Org.). **Um espelho de 100 anos: ACIRP 1904-2004**. 1. ed. Ribeirão Preto: Gráfica São Francisco, p. 211-222, 2004.

NAVARRO, D. Você conhece as 15 cervejarias de Ribeirão Preto?. **Farofa Magazine**, 02 maio 2021. Disponível em: <https://www.farofamagazine.com.br/materia/editorial/voce-conhece-as-15-cervejarias-de-ribeirao-preto>. Acesso em: 12 maio 2021.

NOGUEIRA, P. C. Estudo sobre o setor de cervejas no Brasil. Consolidação do mercado, expansão do segmento de microcervejarias e a criação do Polo Cervejeiro de Ribeirão Preto. Documento recebido por: <jeanrodrigues@ifsp.edu.br> 15 abr. 2019a

NOGUEIRA, P. C. Premiações recebidas pelo Polo Cervejeiro. Mensagem recebida por: <jeanrodrigues@ifsp.edu.br> 25 ago. 2019b.

OBSERVATÓRIO BRASILEIRO APL. **Cervejas de Ribeirão Preto**. [S. I.], [s. d.]. Disponível em: <http://www.observatorioapl.gov.br/apls/cervejas-de-ribeirao-preto/>. Acesso em 12 maio 2021.

PRÉDIO da primeira fábrica de cerveja de Ribeirão Preto será shopping. **G1 Ribeirão e Franca**. Ribeirão Preto, 20 jun. 2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2012/06/predio-da-primeira-fabrica-de-cerveja-de-ribeirao-preto-sera-shopping.html>. Acesso em: 22 fev. 2021.

REGISTRO, T. **Histórico da Cia Cervejaria Paulista**. mar. 2000. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/arquivo-publico-historico/historico-da-cia-cervejaria-paulista>. Acesso em: 06 nov. 2020.

RIBEIRÃO PRETO. Secretaria da Cultura. Arquivo Público e Histórico. **Histórico da Cia Cervejaria Paulista**. Ribeirão Preto: Arquivo Público e Histórico, mar. 2000. Disponível em: <https://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/portal/arquivo-publico-historico/historico-da-cia-cervejaria-paulista>. Acesso em: 06 nov. 2020.

SANTOS, L. Região de Ribeirão Preto terá curso técnico gratuito em Cervejaria. **Revide**, Ribeirão Preto, 09 jan. 2019. Disponível em: <https://www.revide.com.br/noticias/gastronomia/regiao-de-ribeirao-preto-ganhara-curso-tecnico-gratuito-em-cervejaria/>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SÃO PAULO. Secretaria de Estado da Cultura. Resolução SC – 52, de 01 de outubro de 2007. **Dispõe sobre o tombamento da Cervejaria Paulista, no Município de Ribeirão Preto**. Diário Oficial, São Paulo, SP, v. 117, n. 188, 04 out. 2007. Caderno Executivo 1, p. 32. Disponível em: https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2007%2fejecutivo%2520secao%2520i%2f outubro%2f04%2fpag_0032_5IK56IKVLAUT3eDJVE7PNSKP5

SL.pdf&pagina=32&data=04/10/2007&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100032.

Acesso em: 23 ago. 2021

SASTRE, A. “Capital do chope” perde seu símbolo. **Folha de S. Paulo**. 31 mar. 2000c. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi3103200011.htm>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SHOPPING esclarece demolição na Jerônimo Gonçalves. **ACidadeON**. Ribeirão Preto. 12 dez. 2016. Disponível em:

<https://www.acidadeon.com/ribeiraopreto/cotidiano/cidades/NOT,2,2,1214454,Shopping+esclarece+demolicao+na+Jeronimo+Goncalves.aspx>. Acesso em: 22 fev. 2021.

SÍMBOLO de Ribeirão Preto, choperia Pinguim fecha uma das três unidades. **G1 Ribeirão Preto e Franca**. Ribeirão Preto, 04 fev. 2016. Atualizado em: 05 fev. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2016/02/simbolo-de-ribeirao-preto-choperia-pinguim-fecha-uma-das-tres-unidades.html>. Acesso em: 19 ago. 2021.

SCHIAVONI, E. APLS de Ribeirão Preto têm reconhecimento renovado pelo Governo de São Paulo. **Portal Thati**. Ribeirão Preto, 03 mai. 2022. Disponível em: <https://thathi.com.br/economia-e-negocios/apls-de-ribeirao-preto-tem-reconhecimento-renovado-pelo-governo-de-sao-paulo>. Acesso em: 13 set. 2022.

SOUZA, N. F. de. **Caracterização do Polo Cervejeiro de Ribeirão Preto/SP na configuração de Arranjo Produtivo Local**. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Administração, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, 2019.

SUNEGA, R. A. **Quartirão Paulista**: um conjunto harmônico de edifícios monumentais. Ribeirão Preto: Fundação Instituto do Livro, 2011. (Coleção Identidades Culturais, n. 8).

VIARTI, P; TOFETI, A. C.; OLIVEIRA, R. **Ribeirão Preto 2000**. Ribeirão Preto -SP: MIC Editorial Ltda., [s. d.]